



Velloso: Ideologia prejudica...



...Jaguaribe: partidos falham



Fortes: eleições trarão solução

País busca projeto para a modernização

RICARDO NOBRE

Qual a saída para um País como o Brasil, que além de estar enfrentando uma das piores crises de sua história, sequer tem um projeto de cunho político, econômico e social que o estimule, no presente, a erguer as bases para a construção de uma nação solidamente desenvolvida e socialmente equilibrada? Esta pergunta está sendo feita pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que, através do "Fórum Nacional — Idéias para a modernização do Brasil", tenta encontrar um consenso sobre aquilo que poderia ser o projeto de modernização da sociedade brasileira.

Depois de reunir no Rio, em novembro último, 75 economistas, sociólogos e cientistas políticos, além de promover reuniões setoriais com diversos segmentos da sociedade, o BNDES foi até o Congresso Nacional, nesta semana, para debater com os políticos a busca de uma fórmula que permita ao Brasil encontrar-se consigo mesmo. Mas o que os deputados e senadores ouviram não foi nada animador.

IDEOLOGIA

Na opinião do ex-ministro do Planejamento do governo Geisel, João Paulo dos Reis Velloso, o País está marcando passo na história quando, ao contrário do que ocorre no mundo, impõe um forte componente ideológico ao discutir problemas como o modelo de desenvolvimento a ser seguido.

"Não se trata mais de ser esquerda ou direita. Trata-se de querer que a esquerda apresente um projeto econômico moderno e que a direita se conscientize de que o desenvolvimento não pode prescindir de um projeto social", explicou.

Reis Velloso lembra que na década de 70 o Brasil desempenhou um processo de modernização onde ficou caracterizado um grande dinamismo econômico, com taxas surpreendentes de crescimento, mas que deixou como saldo uma brutal concentração de renda que acabou agravando os desníveis sociais. Como saída, o

coordenador do Fórum vê algumas opções, tais como: uma coalização política e social de centro-esquerda como forma de dar garantia à estabilidade dos governos; criação de uma agenda de reformas econômicas, sociais e políticas; distribuição de renda associada ao crescimento; e finalmente, a adoção de uma estratégia de inserção na economia internacional de modo a levar o País a conquistar uma efetiva liderança no cenário mundial. "Não se moderniza a economia de portas fechadas", ensinou o ex-ministro.

ESTADO

Para o cientista político Hélio Jaguaribe, não adianta imaginar uma economia desenvolvida, em termos de Brasil, sem se modificar por completo o papel do Estado. Antes porém, ele afirma ser necessário modernizar os partidos políticos "que quando chegam ao poder não apresentam o desempenho correspondente às propostas contidas em seus programas".

Para o sociólogo, o sistema político partidário brasileiro é carente porque exerce pouca representatividade junto aos segmentos sociais.

Por isso, defende uma modernização dos partidos para que eles mesmos tenham condições de modernizar o Estado, cujos mecanismos não funcionam. "O presidente Sarney me disse uma vez que ele às vezes aperta um botão e nada funciona", confidenciou.

Hélio Jaguaribe está certo de que o desenvolvimento do Brasil depende fundamentalmente da reforma do Estado, que depende da modernização dos partidos que, por sua vez, passa por mudanças no processo eleitoral e no sistema de governo. "Eu acredito que o parlamentarismo e o voto distrital misto, ao invés do voto proporcional, podem nos dar essa modernização que tanto almejamos", garante.

Hélio Jaguaribe ressalta, no entanto, que para o País dar seus primeiros passos rumo ao caminho do progresso, terá que ter um governo que, aliado a essas mu-

danças de ordem política, esteja determinado a recuperar a austeridade nos gastos públicos e seja capaz de desenvolver uma eficiente arrecadação de receitas. Ele propõe ainda a criação do que dominou "núcleos operacionais estratégicos", destinados a garantir um competente comando nos setores-chave da administração.

RENOVAÇÃO

Já o presidente do BNDES, Márcio Fortes, acha que mesmo com todo o atraso de postura atribuído por Hélio Jaguaribe aos partidos políticos, caberá justamente ao Congresso Nacional a maior responsabilidade pelas mudanças que o País anseia. Márcio Fortes crê que, com suas leis, o Congresso se tornará o instrumento da modernização da sociedade e do próprio Estado.

"É bom que se diga que o Estado não é a única causa dos nossos problemas. Há outros aspectos, como a sonegação de impostos, por exemplo, que contribuem para o atraso de nosso País. Mas com todos esses pontos negativos, eu tenho certeza absoluta que o País renovará sua mentalidade a partir das eleições para presidente e logo no ano seguinte, com a renovação do parlamento. Depois disso, nós saberemos encontrar o caminho da modernização e do desenvolvimento", afirmou.

Na visão do economista Antônio Barros de Castro, o tempo também terá uma importância muito grande para a economia brasileira. Só que no caso do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, não é o calendário eleitoral que importa. Ele está preocupado porque, segundo seus cálculos, qualquer projeto de recuperação econômica terá que esperar pela passagem dos próximos dois anos, já que, na sua opinião, a hiperinflação é um processo irreversível.

"Só podemos pensar em novos projetos a partir de 1991, porque não temos mais meios de evitar a hiperinflação que, certamente, inviabilizará qualquer projeto para este ano e o de 1990, previu o economista.